

Cruzeiro, ainda esperando urbanização



Lama, lixo e ratos invadem as ruas do Cruzeiro Novo

Sambistas querem terreno

"Houve um engano quanto ao terreno a ser doado", assim explicou a Terracap aos representantes da Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro - ARUC, mas conhecida como Escola de Samba do Cruzeiro, o fato de que o terreno doado simbolicamente para a construção da sede e quadra de ensaio daquela agremiação ter sido trocado por outro de área bem menor, que não atende às exigências mínimas previstas para atividades deste tipo. De acordo com o presidente da Unidos do Cruzeiro, Milton Sabino, o problema da falta de sede própria, que acompanha os 18 anos de atividade da escola, parecia resolvido definitivamente em novembro passado quando o Governo do Distrito Federal, em ato público, cedeu simbolicamente a área em frente ao Centro Comercial do Cruzeiro, já há algum tempo ocupada provisoriamente por aquela associação, para que ali fosse construída sua sede definitiva. Entretanto, pouco tempo depois, quando de posse de toda a documentação necessária para a demarcação do terreno, Sabino dirigiu-se à Terracap, foi pego de surpresa por esta explanação, desprovida de qualquer fato real que a justifique.

Esclarece Hélio dos Santos, vice-presidente da escola, que o terreno então oferecido foi recusado "por não ser suficiente nem para construir uma quadra de futebol de salão, quanto mais uma quadra de ensaio, principalmente levando-se em conta que cerca de mil pessoas comparecem aos ensaios; se aceitássemos esta segunda oferta ficaríamos soltidos em nossas promoções recreativas e esportivas, como, por exemplo, o torneio aberto de futebol, que conta com a participação de 96 equipes, apresentando uma freqüência à nossa sede de 1.500 pessoas, entre atletas e torcedores". Aponta, ainda, Hélio dos Santos outros motivos como a má localização da área, "entre quadras residenciais, perto de um jardim de infância, o que poderia gerar reclamações que atrapalhariam o bom andamento das promoções desenvolvidas".

SEGREDO

Esclarece Milton Sabino que a diretoria da ARUC está consciente

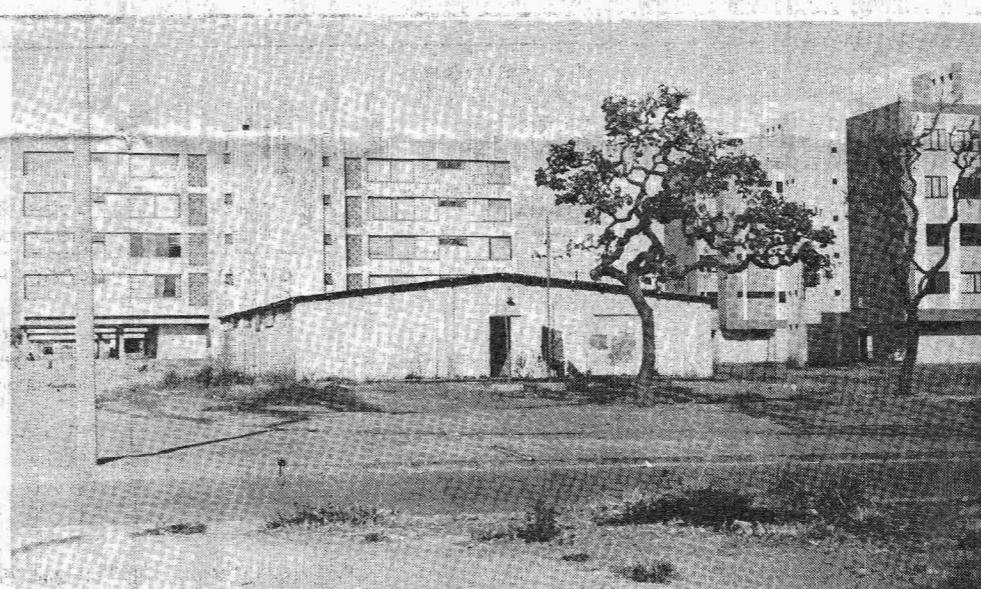
de contar com "aliados do samba", pessoas e órgãos do GDF que vêm atuando no sentido de facilitar as atividades da associação. Entre outros, ele cita o Defer, que cedeu o material esportivo para os torneios, e o Detur, que já demonstrou boa vontade em promover o carnaval brasiliense. "E, mesmo assim, apesar da ligação existente entre os órgãos do Governo do Distrito Federal, o diretor do Detur, Carlos Black, também desconhece o porquê da alteração". Sabino acha inaceitável a justificativa extra-oficial, de que a escola de samba tivesse sido objeto de reclamação por parte de moradores do Cruzeiro, "já que toda a comunidade participa de nossas atividades e não temos notícias de nenhum desagrado nestes 18 anos de existência; de qualquer maneira, a solução seria uma quadra coberta, que poderia ser construída em pouco tempo, pois contamos com casas comerciais interessadas em contribuir para isto". Outra suposição apresentada por Hélio dos Santos é quanto à possibilidade da Terracap ter feito um paralelo entre todas as agremiações carnavalescas e achar que a efetivação da doação possa gerar descontentamento nas outras escolas, "seria aquela história: doou para uma, tem que doar para todas". Neste caso, ele ressalta a superioridade da atuação da Unidos do Cruzeiro, afirmando que as outras escolas, "quase todas com menos de 10 anos de atividade, têm ainda pela frente o desenvolvimento de um trabalho muito grande para atingirem o ponto da Escola de Samba do Cruzeiro, que participou de todos os desfiles de carnaval, num total de 16, obtendo dez vezes o campeonato e três vezes o vice-campeonato".

A última suposição, e a mais inaceitável por todos, é a de que o samba em Brasília possa estar sendo visto com uma mentalidade de algumas décadas atrás "quando escola de samba era considerada reduto de marginais". O fato real é que estamos cansados de tantas promessas não cumpridas, e tudo o que reivindicamos é que nosso problema seja analisado e resolvido com mais carinho, a fim de que possamos cumprir o nosso compromisso de melhorar sempre", finalizou Sabino.



O mato e saturação da rede de esgotos são outros problemas

FOTOS - LU



A precária habitação retrata o abandono da cidade



Essa paisagem é responsável pela desvalorização dos imóveis

A desvalorização dos imóveis do Cruzeiro Novo é cada vez maior, alimentada pela falta de infra-estrutura que permita melhores condições de vida dos moradores. Sem qualquer urbanização, com deficiente iluminação nas ruas e no interior das quadras, com blocos e ruas muito sujos, com ladrões e desocupados ameaçando a segurança de todos, o bairro sofre, na opinião da maioria de seus milhares de moradores, por não ter ainda uma administração regional. Muito próximo do Plano Piloto, somente o abandono em que se encontra o Cruzeiro Novo pode servir de justificativa para o preço que seus imóveis recebem em um mercado imobiliário tão inflacionado quanto o de Brasília. No Cruzeiro, um apartamento quitado, com três quartos e demais dependências, pode ser comprado por 350 mil cruzeiros, enquanto que o aluguel de um imóvel nestas condições varia de 4 mil e 500 a 5 mil cruzeiros. Tanto os preços de aluguel quanto os de compra, quando muito, chegam a ultrapassar de pouco a metade do que vale um apartamento similar nas quadras 400 do Plano Piloto.

SUJEIRA E RATOS

"O Cruzeiro Novo, desde a sua construção, em 1965, não mudou nada. Entra ano e sai ano e os blocos continuam plantados na poeira, ou na lama; os esgotos continuam arrebatados e os ratos passeando pelas ruas, esburacadas e escuros. É este o início do editorial publicado no 'Jornal do Cruzeiro', órgão da Associação dos Moradores do Cruzeiro Novo, no seu número zero, neste mês. A Associação foi a forma encontrada pelos moradores, para que fosse feito um movimento organizado, visando a solução de seus problemas comuns. E parece haver uma unanimidade em considerar a falta de urbanização e de segurança, juntamente com a insuficiência do transporte coletivo, como os principais transtornos por que passa o bairro.

NEGÓCIO MUITO SÉRIO

"Rato aqui é um negócio muito sério", desabafa Odalea Barbosa, que mora no Cruzeiro Novo há oito anos. "Rato e barata", completa o zelador de um bloco muito sujo, com as paredes totalmente riscadas ou cobertas de barro. Essas declarações, no entanto, não chegam a surpreender ninguém que conheça de perto as condições anti-higiênicas das lixeiras apertadas e mal-cheirosas. Sem falar das áreas vagas - normalmente depósito de detritos da redondeza - dos esgotos estourados e do mato que cresce livre. Não fosse a movimentação das crianças no interior das quadras, uma grande parte dos blocos mais velhos poderia ser facilmente confundida com antigos prédios abandonados, tal é o aspecto deplorável dos exteriores. E as autoridades do Distrito Federal, o que fazem em benefício do Cruzeiro Novo? "O Governador não faz mais que uma visita anual, sem tomar nenhuma iniciativa que beneficie o nosso bairro", queixa-se o editorial do "Jornal do Cruzeiro".

MAIS COMÉRCIO

"Além da urbanização e da iluminação que já podemos pedir, o que precisamos é de mais conjuntos comerciais", comenta o padre Lino, demonstrando uma certa dose de descrença no resultado da denúncia dos problemas. "Já falamos muitas vezes para jornal. Não mudou nada. É isso aí que vocês podem ver. Precisamos de mais comércio miúdo, de mais padarias... São três os centros comerciais do Cruzeiro Novo. Dependendo de onde a gente mora, tudo fica muito longe. A gente precisa andar muito para achar uma mercearia, uma padaria, uma lanchonete. Aliás, bar, porque não temos um local sequer que se possa freqüentar com a família", lamenta Francisco Barros, morando há um ano no Cruzeiro.

OS COLETIVOS

"O Cruzeiro Novo não tem transporte coletivo. Esta é que é a verdade", sentencia Raimundo Correia. "Só tem o executivo, e assim mesmo você não pode confiar". As reclamações quanto ao serviço de transporte coletivo são infalíveis em qualquer conversa sobre o bairro. "Eu custo a andar de ônibus, mas quando ando tenho vontade de bater no motorista. Eles demoram uma eternidade e, quando saem, é uma loucura, uma correria, que Deus me livre!", diz Dolores Barbosa, professora. "É preciso que o Governo olhe para isso. Tem que ser colocados mais ônibus nas linhas, com horários mais regulares", opina Marcos Antunes.

PIVETES, LADRÓES. E A POLICIA?

"É muito comum os pivetes entrarem nas escolas, para roubar. Eles vão retirando os tijolos das paredes, abrem um buraco e entram no prédio. Mas, falta policiamento e nada é feito", diz Maria Gomes, secretária de uma escola-classe do Cruzeiro. Os ladrões, arrombando carros, entrando em comércios, também não são raros. "Sem contar os mafiosos desocupados que ficam por aí fazendo hora", comenta Diva Maria. Na opinião dos moradores, são inúmeros e sérios os problemas do Cruzeiro Novo.